

## PERSONAGEM

## UM POLÍTICO CHAMADO PODER

ACM chega aos 70 anos como nos últimos 30: no comando da política baiana e ao lado do poder no País

MARIA INÊS NASSIF

**S**ALVADOR — Na Bahia existe apenas uma referência. Chama-se Antônio Carlos Magalhães. O resto é história. Quem está com ele é carlista. Os adversários são anticarlistas. Carlistas existem no PFL, o seu partido, no PMDB, no PSDB e em alguns outros pequenos. Anticarlistas existem em todos os outros, menos no PFL. Antônio Carlos não admite traições.

“Ele não abre mão da lealdade; se está com ele, está”, diz o prefeito de Salvador, Antônio Imbassahy (PFL), colocando-se na cota dos leais. “Antônio Carlos é um inimigo implacável.”

“É horrível ser seu inimigo; ele bate e não conversa”, relata o ex-prefeito Mário Kertész, uma cria que tentou vôo independente e se reconciliou com o criador em 1988, um ano antes de terminar uma administração ganha sob o abrigo da oposição e com a bandeira anticarlista.

**Longevidade** — Aos 70 anos, comemorados ontem, dos quais 55 de vida pública, a figura polêmica do atual presidente do Senado é o presente das políticas baiana e nacional e também o passado. A academia local produz teses sobre a longevidade de seu poder e já lhe reconhece, em vida, o papel que teve na história do Estado. Um estudo feito pelo sociólogo Paulo Fábio Dantas Neto sobre o poder em Salvador define o papel do político, na capital e no Estado: ele foi o artífice da modernização capitalista baiana, “a expressão política da conexão moderna entre a tecnocracia do regime militar, o capital oligopolista e os novos capitais da especulação imobiliária e da construção civil”.

Traduzindo: Antônio Carlos, um político sem vínculos familiares com a oligarquia baiana, afastou-a da máquina administrativa — às vezes até se utilizando dela — e deslocou o eixo econômico do Estado, antes concentrado nos interesses tradicionais. E governou o Estado, diretamente ou por meio de pessoas de sua estrita confiança, com mão de ferro. “Ele mudou o Estado e mudou Salvador”, diz o governador Paulo Souto (PFL), outra cria sua. Por meio de um controle unipessoal da política baiana, de uma cobrança rigorosa da submissão de seus aliados e, sobretudo, da imagem de que é apenas ele o depositário dos interesses da Bahia, o atual presidente do Senado, numa idade em que as pessoas normalmente se aposentam, tem hoje a hegemonia política reconhecida por seus adversários.

“Antônio Carlos é a Bahia”, diz, convencido, o motorista de táxi, explicando sua participação, no dia seguinte, na caravana que levaria o aniversariante para a missa na Igreja do Bonfim. “Eu sou a Bahia”, já disse o ex-governador na televisão. “Ele se utilizou de todos os símbolos da baianidade cordial, que se acabou transformando no signo ideológico do Estado”, constata a ex-prefeita Lídice da Matta (PSDB), que governou, até 31 de dezembro do ano passado, sob a artilharia pesada do grupo carlista.

**CPI** — Para o sociólogo Dantas Neto, “o culto à personalidade foi um dos pilares de sustentação da modernização truculenta e carismática”. Na oposição, detecta-se o pico da curva de popularidade de Antônio Carlos, que se mantém até hoje, com a transferência da repetidora da TV Globo da emissora Aratu para a TV Bahia. A televisão era de ACM, e ele, o ministro das Comunicações. Na época, a oposição pôs a boca no trombone e abriu uma comissão parlamentar de inquérito (CPI). A suspeita era de que a repetidora teria sido um prêmio das Organizações Roberto Marinho a Antônio Carlos, como retribuição às facilidades que teriam sido abertas para a compra da Nec. O inquérito, aberto com base nas conclusões da CPI, nunca andou.

“Antes da Globo seu poder era no interior”, garante o ex-senador Jutahy Magalhães, filho de Juracy Magalhães, um dos políticos que dividiam o poder antes de Antônio Carlos. “Na capital ele não podia sair sem ser vaiado.” O filho de Jutahy, Jutahy Júnior, já recebeu do pai o bastião de combate a ACM e hoje preside o PSDB lo-



ACM, entre populares, diante da Igreja do Bonfim: de “despertador de Juscelino Kubitschek” a “signo ideológico da Bahia”

cal. “Em quatro anos de governo jamais fui entrevistada pela TV Bahia, exceto quando era para me atacar”, conta Lídice. “Para a TV Bahia só existe Antônio Carlos.”

A mídia é apenas um lado da complexa teia de domínios e mitos tecida pessoalmente pelo senhor da política baiana. Antônio Carlos fez questão de relacionar sua imagem, e a de seu grupo, à competência administrativa — e, inversamente, associar a

oposição à incompetência gerencial. Nisso a oposição o ajudou.

Nos 30 anos à frente da política da Bahia, ACM traz em seu currículo apenas uma derrota para o governo do Estado, nas primeiras eleições diretas após o golpe militar de 1964, em 1982. Perdeu para Waldir Pires, do PMDB. Na capital, seu grupo político foi derrotado três vezes: em 1984, por Mário Kertész, em 1988 por Francisco José e em 1992 por Lídice da Matta. O grupo es-

teve 12 anos fora do poder da capital e voltou, nas eleições do ano passado, com a vitória arrasadora de Antônio Imbassahy.

As administrações oposicionistas, no Estado e na capital, foram marcadas pela inexperience, pela crise financeira e até por des-

Ulysses Guimarães, nas eleições de 1990, foi um erro que até hoje a oposição e a população não perdoaram. Pires deixou um governo já combatido nas mãos do vice, Nilo Coelho, outro representante das antigas oligarquias baianas. Foi um desastre. “Foi o maior equívoco da vida dele”, opina Jutahy, pai. “Os erros que a oposição cometeu fortaleceram Antônio Carlos.”

**COMO INIMIGO, É CONSIDERADO “IMPLACÁVEL”**

O caminho de Antônio Carlos na administração foi inverso ao das oli-

garquias. Os chefes políticos tradicionais mantinham o poder loteando o governo entre políticos. O hoje presidente do Senado, não. Ele ungiu técnicos, que posteriormente viraram políticos. Por suas mãos. “Seus secretários normalmente não eram conhecidos da sociedade local”, diz Souto. “E os políticos feitos por ele são pessoas que cresceram em sua administração.”

A lista é longa. Começa pelo próprio governador e passa pelo prefeito de Salvador. A mesma trajetória tiveram o ex-líder do governo Benito Gama, o senador Waldeck Ornellas e o deputado Eraldo Tinoco. Eles são da linhagem que Imbassahy classifica de “puro-sangue carlista”.

**“Preço alto”** — “O carlismo saneou o Estado, mas o preço foi alto”, critica Lídice, argumentando que em praticamente 30 anos de hegemonia, com poucos intervalos, se acumularam os piores índices sociais do País. “Disputamos em analfabetismo com o Piauí e o arrocho salarial do funcionalismo é seriíssimo.” Imbassahy rebate: “O Estado hoje está tão saneado que sobrou no caixa o dinheiro da privatização da Coelba.”

O preço a ser pago pelo técnico ungiu político é a submissão total à estratégia política do chefe. “O segredo da longevidade de seu domínio político é sua capacidade de renovar, atraindo quadros e expurgando-os”, constata Imbassahy, ressaltando que “não há amigo que não possa ser deslocado.” “Antônio Carlos não transige na questão administrativa.”

A síntese de seu estilo o senador captou numa frase do falecido senador Darcy Ribeiro, do PDT, que sempre esteve em trincheira oposta à sua. Quando lhe foi pedir o voto para a presidência do Senado, Darcy, para sua surpresa, concordou. E explicou: “A verdade muda.” ACM ganhou o eleitor e adotou a máxima. “A coerência é relativa, sobretudo na política”, aprendeu rapidamente o técnico, agora político carlista, Imbassahy.

Da mesma lavra de crias suas, Kertész, nomeado prefeito de Salvador por Antônio Carlos, foi demitido antes de concluir o mandato. “De seus auxiliares mais próximos, talvez fosse eu o mais independente”, explica Kertész. “Um temperamento forte bateu com outro temperamento igualmente forte.” Reaproximaram-se em 1988, por intermédio de um amigo comum. “Ele é encantador, você senta para conversar e ele desfila histórias e personagens fantásticos, mas tem hora que estoura”, conclui o ex-prefeito. “Se você topa a briga, ele rompe, mas volta.” Com outra criatura, João Durval, técnico que se tornou governador e rompeu com o criador porque foi preterido por Josaphat Marinho, na disputa da legenda do PFL no Senado, ACM não voltou.

**Pesquisas** — “Antônio Carlos parece que não conversa, mas ele ouve muito”, garante Imbassahy. As conversas são individuais, com políticos, empresários, eleitores e com o Judiciário, onde mantém estreitas relações — em 30 anos de domínio político, praticamente nomeou todos os juizes do Tribunal de Justiça do Estado, lembra Lídice. A decisão, toma sozinho. Desde 1990, quando venceu a eleição para o governo, incorporou como subsídio para suas decisões pesquisas de opinião, qualitativas e quantitativas.

Foram as pesquisas que indicaram, como preferência do eleitor, a eficiência gerencial, em detrimento da probidade administrativa. A oposição, então, concentrava a campanha em denúncias contra Antônio Carlos. O chefe baiano ganhou a eleição, mas não levou desaforo para casa: no primeiro mês de governo, encaminhou à Justiça 14 processos contra o ex-governador Nilo Coelho. Por corrupção.

ACM domina todas as variáveis da política baiana: o contato com os eleitores, as decisões políticas, a mídia, o relacionamento com o Judiciário e o controle dos políticos do interior. Por enquanto, não tem herdeiros locais. Sempre deixou o filho, o hoje líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães, trafegar na área legislativa. Para assumir a teia de relações que define o poder do pai, no entanto, obrigatoriamente terá de passar pelo governo do Estado. “Luís Eduardo só não será governador se não quiser”, afirma Imbassahy.